

A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Portugal: O País da Pedinçice

Publicado em 2026-04-19 15:42:20



BOX DE FACTOS

- Portugal voltou a propor apoios extraordinários aos combustíveis para sectores essenciais perante a crise energética ligada à guerra com o Irão.
- Esses apoios foram apresentados como temporários, condicionados ao preço do gasóleo e limitados a sectores como agricultura, pescas, florestas,

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

soft budget constraints : quando agentes

económicos contam com socorro público recorrente, enfraquecem-se disciplina, responsabilidade e eficiência.

- Como tal nem todo o apoio público é ilegítimo: choques externos graves e calamidades podem justificar ajuda excepcional.
- O problema começa quando a exceção se transforma em cultura de dependência, arbitrariedade e pedinchice organizada.

Portugal e a Cultura da Pedinchice

Um país saudável pode ajudar em choques excepcionais. O que não pode é transformar a exceção em método, a fragilidade em estratégia e a pedinchice em cultura económica.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

transitória ou algum tipo de almofada financeira. E quando o próprio Estado sente a pressão de uma calamidade natural, de uma crise internacional ou de uma perturbação externa, olha por sua vez para o seu protector mais próximo e pede amparo à União Europeia. Forma-se assim uma cadeia de dependência que não fortalece o país: habitua-o a pedir antes de reformar, a reclamar antes de corrigir, a protestar antes de competir.

O episódio mais recente ilustra bem essa lógica. Em Março de 2026, o Governo português propôs um subsídio temporário ao gasóleo de **10 cêntimos por litro** para sectores considerados essenciais, como agricultura, pescas, florestas, transporte público e táxis, perante a subida dos preços energéticos provocada pela guerra com o Irão. A medida foi apresentada como temporária, activada apenas se o preço do diesel ultrapassasse em mais de 10 cêntimos a média do início de Março, e podia custar até **450 milhões de euros** em três meses. O~

Tomada isoladamente, esta resposta pode ter justificação conjuntural. Choques internacionais abruptos, sobretudo quando afectam sectores essenciais, podem justificar intervenções excepcionais para evitar ruptura em cadeia. O problema não está na possibilidade de ajuda extraordinária. Está na cultura que se instala quando quase todos aprendem

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

horizonte temporal e as contrapartidas.¹

A diferença entre socorro legítimo e orçamento mole

Convém distinguir duas coisas que muitas vezes são misturadas. Há apoios públicos que podem ser legítimos, até necessários: uma tempestade devastadora, um choque energético extremo, o risco de ruptura num sector vital, uma emergência social súbita. Reuters relatou, por exemplo, que Portugal enfrentava custos de reconstrução superiores a **4 mil milhões de euros** após tempestades severas, além da pressão energética ligada ao conflito com o Irão. Nesses casos, a ajuda pública pode ser vista como resposta excepcional a circunstâncias anómalas.²

Outra coisa muito diferente é o padrão que eu denuncio: empresas que vivem mal, sectores habituados a pedir compensações, organizações que aprenderam a transformar pressão política em subsídio, e um Estado que, em vez de exigir reestruturação, produtividade, adaptação ou encerramento, prolonga com dinheiro público a agonia de actividades inviáveis. A literatura da OCDE descreve este problema através da ideia de *soft budget constraints*: quando actores económicos acreditam que acabarão por ser

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Uma economia não amadurece quando se habitua a pedir. Amadurece quando aprende a competir, a adaptar-se, a poupar, a assumir risco, a fechar o que não funciona e a redireccionar recursos para o que tem futuro. O problema português é que muitas vezes se criou a expectativa oposta: quem reclama alto pode receber; quem tem peso político ou mediático entra primeiro; quem grita mais alto parece ter mais hipóteses de aceder à ajuda; quem não tem voz paga a factura em silêncio.

É esta percepção de arbitrariedade que corrói o país por dentro. Mesmo quando o apoio é tecnicamente justificável, a ausência de critérios transparentes e de forte exigência de contrapartidas alimenta a convicção de que o Estado não corrige crises — gere clientelas. E uma economia onde a relação com o poder substitui a disciplina do mercado saudável ou da boa gestão rapidamente desliza para a dependência organizada.

O contribuinte como pagador de último recurso

No fim de tudo, há sempre um pagador de última instância: o contribuinte. É ele que suporta o custo da indulgência pública perante ineficiências privadas, sectores sem reforma

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

demasiado tempo não é política económica. É recusa de aceitar a realidade.

A própria discussão europeia sobre ajudas de Estado mostra esta tensão. A Comissão Europeia tem vindo a admitir regimes temporários e excepcionais para lidar com choques severos, mas insiste em limites, condições e prevenção de distorções no mercado único. Isto significa que o problema é reconhecido ao mais alto nível: ajudar pode ser necessário; transformar o auxílio em hábito estrutural é perigoso.⁴

Pobreza de espírito antes da pobreza material

Talvez o mais grave nem seja a pobreza económica que esta cultura alimenta, mas a pobreza de espírito que ela revela. Um país que se habitua a olhar primeiro para o subsídio em vez de para a reforma, para a compensação em vez de para a produtividade, para a exceção em vez de para a regra, começa lentamente a desaprender a maturidade. E sem maturidade económica não há prosperidade robusta. Há apenas sobrevivência prolongada, sempre dependente de mais uma ajuda, mais uma crise, mais um expediente.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

ajudas estritamente temporárias, avaliação séria de resultados e coragem para dizer não quando a única coisa que se está a financiar é a continuação do que já morreu.

Conclusão

Um país pode e deve ajudar em momentos verdadeiramente excepcionais. Mas não pode transformar a exceção em cultura económica permanente. Quando isso acontece, o Estado deixa de corrigir choques e começa a fabricar dependência. Os agentes económicos pedem, o poder distribui, o contribuinte paga e o país afunda-se um pouco mais na sua pobreza funcional e moral.

Negócios falidos não renascem por milagre com retórica e dinheiro público. Muitas vezes, apenas se prolonga à custa do contribuinte a agonia de um cavalo morto. E uma nação que insiste em montar cavalos mortos não tarda a descobrir que não estava a salvar a economia — estava a treinar-se para a decadência.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

- Reuters, **Portugal proposes diesel subsidy to mitigate Iran war energy cost.**
- Reuters, **Portugal aims to cap any deficit at 0.5% to protect investor confidence.**
- Reuters, **EU plans more fuel subsidies to tackle Iran war price spikes.**
- Reuters, **EU eyes grants, subsidies to offset Iran war impact on farming, transport.**
- OECD, **Measuring distortions in international markets: Below-market finance.**
- OECD, **Competition Issues in the Financial Sector: Key Findings.**

Frase a reter

Quando o Estado passa da protecção excepcional para a subsidiação recorrente da fragilidade, deixa de corrigir crises e começa a fabricar dependência.

Francisco Gonçalves

Texto editorial para o **Fragmentos do Caos**.

Co-criação editorial com **Augustus Veritas**.



Blogue Fragmentos do Caos

A verdade nasce onde o pensamento é livre.



Fragmentos do Caos:

[Blogue](#)

•

[Ebooks](#)

•

[Carrossel](#)



Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)